

Driblando a Escuridão¹

Eliane de Menezes Simões²
Aparecida Débora Sousa Pereira³
Etelvir José dos Santos⁴
José Henrique da Silva Almeida⁵
Ronilo Juliano dos Santos Souza⁶
Teresa Leonel de Oliveira Costa⁷

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro-BA

RESUMO

Este *paper* tem por objetivo apresentar o percurso de construção do roteiro do documentário de não-ficção “Driblando a Escuridão”. O produto audiovisual retrata o cotidiano de um time de futebol de cegos (futebol de cinco) contando um pouco da trajetória dos jogadores no esporte e na vida. Tem como papel social “retirar das sombras” essas pessoas que – apesar da falta do sentido da visão – são capazes de realizar grandes façanhas, vencendo barreiras, superando o preconceito, desafiando limites. Os procedimentos metodológicos serão realizados em três etapas, pré-produção, filmagem e pós-produção.

PALAVRAS-CHAVE: Roteiro; Vídeo documentário; Futebol; Deficiência Visual, Superação.

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para ser trabalhado no documentário, e roteirizado, se deu por entendermos que a maioria dos brasileiros possui uma afinidade com o futebol, porém, em contrapartida, tem um considerável desconhecimento de como se dá a prática desse esporte por deficientes visuais.

Nesse tipo de produção audiovisual é característica marcante a abordagem de questões sobre as quais, existam e predominem interesses sociais. Tudo que no ponto de vista da

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Roteiro Filme de Não-Ficção, modalidade Cinema e Audiovisual.

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo em Multimeios, email: ellyannesimoes@gmail.com.

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo em Multimeios, email: deboracomunicacaoonovo@gmail.com.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo em Multimeios, email: etelvirsantos@homail.com.

⁵ Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo em Multimeios, email: j.henriquekairos@hotmail.com.

⁶ Estudante do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social Jornalismo em Multimeios, email: rjfuhrrer@gmail.com.

⁷ Orientadora do trabalho, professora do curso de Comunicação Social- Jornalismo em Multimeios, mestre em Comunicação, email: teresaleonelcosta@hotmail.com

ficção é cenário passa a ser, no documentário, um espaço real e local de visão para o mundo.

Para Nichols (2012, p.205), os documentários que abordam temáticas sociais são considerados as questões coletivas voltadas a uma perspectiva social. As pessoas recrutadas para o filme ilustram o assunto ou dão opinião sobre ele. O autor relata, ainda, que o argumento e a narrativa em um documentário são quase sempre livres e abertos, filmar personagens reais, fatos e locações realistas envolve o momento, ou seja, o acaso.

Portanto, viu-se que a melhor forma de contribuir para disseminação dessa prática esportiva, era a elaboração de um vídeo documentário que tivesse em sua essência a finalidade de contribuir com esse grupo de atletas, dando visibilidade a sua luta por um espaço honrado na sociedade.

2 OBJETIVO

A disciplina de Laboratório de Vídeo e Arte propunha conhecer e discutir sobre as produções audiovisuais e as suas especificidades, além de nortear os discentes para uma análise tanto técnica como de conteúdo das produções. E foram critérios avaliativos da disciplina a produção de um roteiro e de um curta-metragem ou documentário. Essas atividades permitiram aos alunos vivências, práticas e conhecimentos adquiridos durante a matéria. Sobre o roteiro, Alex Moletta (2009, p. 35-6) diz ser “um guia de ação visual e sonora utilizado para contar uma história e transmitir uma experiência humana. [...] trabalhando com três bases: a ação, o espaço e o tempo”. Das entrevistas, a escolha das imagens e os demais elementos que compõe o material foram pensados para permitir ao público uma maior reflexão e conhecimento sobre a temática abordada.

3 JUSTIFICATIVA

Produzir um material dessa natureza é de suma importância para que os discentes possam vivenciar na prática todo um processo de produção exigido para um documentário. O trabalho envolve a seleção do tema, a pré-produção e o roteiro, as gravações e entrevistas, a edição e a finalização. Esse processo contribui para que o aluno de Comunicação Social, Jornalismo em Múltiplos Meios, desenvolva uma percepção mais aguçada dos possíveis assuntos que precisam de notoriedade, e uma maior facilidade pra transformá-los em mídias que gerem reflexão.

Já sobre o tema, há sim a intenção da difusão do esporte, contudo não é só esse o intento. “Trazer à luz” essas pessoas e suas experiências de vida enriquece, de forma significativa, toda a produção.

Sobre o roteiro em si, bem como o porquê da escolha das imagens tem a intenção de provocar um mal estar no telespectador que acompanha o documentário, causando um desconforto imagético que remetesse a deficiência visual dos protagonistas. Espera-se que essa narrativa possa atender a expectativa da proposta, ou seja, que o incômodo se torne uma importante resposta desse trabalho.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O processo de construção do documentário “Driblando a Escuridão” teve início na proposta da disciplina Laboratório de Vídeo e Arte, ministrada pela professora Teresa Leonel, no primeiro semestre de 2014. Após discussões de conceitos de vídeo e documentário, e os elementos que os diferenciam de acordo com a visão de autores aqui citados, fomos provocados a ir para o campo e trabalhar na produção de um produto audiovisual.

Com a proposta definida, o grupo pensou em produzir um documentário que apresentasse como tema, um fato de relevância social, mas não explorado na mídia convencional ou que não tivesse uma repercussão devida. Com esse desejo, um dos integrantes do grupo sugeriu que abordássemos sobre o time de futebol de cinco de Petrolina-PE⁸, uma modalidade de futsal adaptada para cegos.

Após os contatos com os atletas e técnico, e a observação em campo, elaboramos o roteiro. Nele traçamos algumas imagens que não poderíamos deixar de captar. O objetivo não era apenas realizar filmagens e entrevistas, mas sim, o desejo de viver, sentir e compartilhar aquelas histórias de superação, e ao mesmo tempo, contar essas histórias através de imagens. Syd Field afirma que:

Um roteiro [...] é uma história contada com imagens. É como um substantivo: isto é, um roteiro trata de uma pessoa, ou pessoas, num lugar, ou lugares, vivendo a sua “coisa”. Percebi que o roteiro possui certos componentes conceituais básicos comuns no que se refere à forma. (FIELD, 2011, p.7)

⁸ O time é da Associação de Deficientes Visuais de Petrolina (ADPVP)

Com base nessa proposta, direcionamos o trabalho focando os registros a partir de informações apresentadas pelos próprios personagens/atletas que passam suas vivências, experiências e a relação entre o esporte e o cotidiano.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As relações da câmera com o entrevistado, desde o vestir do uniforme até o reconhecimento do som do guizo, foram pensadas para que pudessem alcançar o resultado esperado.

A pré-produção foi marcada pela elaboração de um pré-roteiro, que orientou os trabalhos de entrevista, gravações e direcionamento das câmeras e seus ângulos.

Os equipamentos utilizados foram 02 (dois) cartões de memória, 02 (duas) câmeras Canon T3i, que gravam em alta resolução (Full HD) 01 tripé, lentes Canon 18-55mm, e microfone *de mão*, (utilizados em entrevistas, reportagens, shows musicais, discursos).

Sobre a captação de imagens, os planos médios foram usados durante as entrevistas com o técnico, o goleiro e os jogadores. Já os planos gerais foram utilizados para o registro de uma partida de futebol de cinco e suas sinuosidades. Outro plano utilizado foi o conjunto, que relata o momento do aquecimento dos jogadores antes de iniciar a partida. O cenário para a gravação do documentário foi à própria quadra da instituição⁹, cenário ideal para retratar a vida de superação desses profissionais através do esporte.

O incomodo proporcionado com a tela escura e apenas o som do guizo produzido pela bola adaptada para os cegos, a proposta de desfocar a imagem para dar a impressão da visão turva, assim como as orientações proporcionadas pelo técnico, foram minuciosamente pensados para que as pessoas que assistissem ao vídeo documentário pudessem sentir um pouco o desconforto que a ausência da visão total, ou parcial, exerce.

Nas imagens em preto e branco a função era de reforço da emoção. O contraste de luminosidade, e a dramaticidade que imagens assim proporcionam é algo que o nosso olho está preparado para detectar. Como nos fala Jacques Aumont em seu livro “A Imagem”:

Dois objetos parecerão ter a mesma luminosidade se sua luminância relativa no tocante ao seu fundo for a mesma, quaisquer que sejam os valores absolutos dessas luminâncias; inversamente, um mesmo objeto, iluminado de modo idêntico (portanto emitindo a mesma luminância), será julgado mais luminoso diante de um fundo mais escuro. (1993, p. 29)

⁹ A Instituição se trata do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI-Petrolina)

Com a alternância entre o preto e branco e o desfocado no início, e logo após, com a tela ficando totalmente preta, apenas com o áudio das vozes, os sons dos jogadores treinando na quadra, e o som da bola (com o guizo¹⁰) tentou-se remeter a deficiência visual dos protagonistas. Com a imagem clareando e colorindo foi possível proporcionar aos telespectadores os contornos visíveis às figuras, em um processo de construção da verdade, ou de “abrir os olhos”. Ou seja, essas provocações tinham o intuito de gerar sensações de deficiência visual ou baixa visão, e de reconhecimento “da verdade” da história a ser contada: um time de cegos praticando o futebol.

Foram quase 15 horas de gravações para que chegássemos ao resultado final do documentário, que foi de 14 minutos e 36 segundos editados. Logo após as gravações realizamos a decupagem das imagens, e por meio dela o roteiro de edição, e o roteiro final.

6 CONSIDERAÇÕES

O roteiro foi produzido com o intuito de atenuar a barreira entre aqueles que se consideram “normais”, e tem o futebol apenas como distração, com esses atletas que, transformam o esporte em motivo para continuar vivendo.

Acredita-se que a proposta do documentário foi positiva, pois trouxe para “frente das câmeras” o cotidiano desses atletas, que driblam o preconceito e fazem um “gol de placa” nas limitações.

Por fim, a aquisição do conhecimento prático e teórico sobre a produção de materiais audiovisuais foi de suma importância, pois cada minúcia da construção de um roteiro, e, por conseguinte de um produto audiovisual aguçou talentos, instigou e despertou uma inquietação para mostrar histórias de pessoas que são protagonistas de outras histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques. **A imagem**: Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro – Campinas, SP: Papyrus, 1993: Coleção Ofício de Arte e Forma. 7ª edição 2002.

LAKATOS, Maria Eva, MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 4ª ed.- São Paulo: Atlas, 2004.

¹⁰ A bola da modalidade é adaptada com guizos, que são necessários para a orientação dos jogadores em quadra.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta-metragem em vídeo digital**: uma proposta para produções de baixo custo. 2. ed. São Paulo: Summus, 2009.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. MARTINS, Mônica Saddy. Mônica Saddy Martins. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.